

Autismo, interculturalidade e cognição: discussão teórica sobre o estigma em relação ao Autismo, diversidade cultural e a influência nos processos cognitivos

Tamires Beatriz Ratis da Silva

RESUMO

A falta de conhecimento é uma característica marcante presente no preconceito, no que concerne ao autismo, há o estigma que perpetua na sociedade, em que apenas algumas características são atribuídas ao espectro, nesse sentido, a falta de conhecimento fornece ao indivíduo ferramentas que corroboram para fomentar e sustentar a ideia taxativa do que é o autismo, paralelamente, a intolerância cultural insere no indivíduo diversas práticas que ferem o ser humano, conseqüentemente, em decorrência disso, de uma forma interseccional, os processos cognitivos também são afetados de uma forma acentuada, visto que somos seres sociais, recebendo influência do meio social em que estamos inseridos, logo, desde a infância somos influenciados pelo nosso meio, podendo acarretar marcas que serão levadas para toda a vida, sobretudo, as experiências emocionais, visto que as experiências emocionais elevam os processos referente à memória, o que elucida que os estigmas que os indivíduos sofrem por serem sujeitos neuroatípicos, e de cultural diferente acarretam prejuízos cognitivos por toda a vida. Visando compreender os prejuízos cognitivos em decorrência da intersecção do preconceito sobre o espectro autista e a intolerância cultural, bem como a importância dos estudos nessa área, esta pesquisa foi criada, com a metodologia qualitativa e quantitativa de revisão bibliográfica

Palavras-chave: Autismo. Intersecção. Cultura. Cognição.

ABSTRACT

The lack of knowledge is a remarkable characteristic present in prejudice; regarding to autism, there is the stigma that perpetuates in the society in which only some characteristics are attributed to the spectrum. In this sense, the lack of knowledge provides to the individual tools that corroborate to foster and sustain the exhaustive idea of what autism is. In parallel, cultural intolerance inserts in the individual several practices that hurt the human being; consequently, as a result of this, in an intersectional way, cognitive processes are also affected in a marked way, since we are social beings, receiving influence from the social environment in which we are inserted. Therefore, since childhood, we are influenced by our environment, which can lead to marks that will be taken for a lifetime, above all, emotional experiences, since emotional experiences elevate processes related to memory, which elucidates that the stigmas that individuals suffer for being neuroatypical subjects, and from a different culture, it leads to cognitive impairments for a lifetime. Aiming to understand the cognitive impairments resulting from the intersection of prejudice on the autistic spectrum and cultural intolerance, as well as the importance of the studies in this area, this research was created, with the qualitative and quantitative methodology of a bibliographic review.

Keywords: Autism. Intersection. Culture. Cognition

INTRODUÇÃO

Kanner (1943) definiu o termo “Transtorno Autístico do Contato Afetivo” um quadro que ele caracterizou por “autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia”, descrevendo que estas crianças apresentavam um alheamento já no início da vida, notando que não respondiam aos estímulos externos, em contrapartida, Ritvo (1976) em seu livro, pontuou que o autismo aparece como um problema de desenvolvimento.

Duncan (1986) elucidou que a capacidade de planejamento e o desenvolvimento de estratégias para chegar às metas está ligada aos lobos cerebrais e frontais e seu funcionamento. Tais habilidades estão ligadas a flexibilidade de comportamento, gerência de múltiplas fontes de informações, bem como coordenado com o uso dos conhecimentos adquiridos pelo indivíduo (KELLY, BORRILL & MADDELL, 1996).

Oliver (2008) conceituou o autismo como sendo um distúrbio podendo variar do grau leve ao severo, dessa forma, considerando o autismo leve como limitrofia, contudo,

o mesmo afirmou que alguns indivíduos poderiam ter o diagnóstico de traços autísticos, ou até mesmo poderiam ser vistos como indivíduos com síndrome de asperge, em que eram considerados autismo com inteligência elevada.

Na sociedade hodierna fala-se TEA (transtorno do espectro autista), devido as pesquisas, em que se entende que não há apenas um autismo, todavia, um espectro em que há diferentes tipos, desde forma considerada leve até uma forma considerada mais grave, onde há uma maior exigência de atenção, ressaltando que todo diagnóstico levar em conta mais de uma fonte de informações, bem como o olhar entendendo o sujeito nos diversos lugares que frequenta. (silva, 2016).

Desde o início de janeiro de 2022, a nova CID também adotou a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo para englobar todos os diagnósticos anteriormente classificados na CID 10 como Transtorno Global do Desenvolvimento, ainda, a CID 11 segue o que foi proposto na última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5, unificando, dessa forma, todos os quadros de autismo (APA, 2013).

Canclini (2004) ressalta que a interculturalidade está ligada à confrontação e entrelaçamentos, porque se trata de grupos entrando em reciprocidade de relações, os quais a diferença estabelece relações de negociação, conflito e empréstimo recíproco, respeitando as diferenças, Canclini (2004) pontua que, em diversas ocasiões, as diferenças culturais se inserem em sistemas nacionais e transnacionais de intercâmbio, em uma tentativa de corrigir a desigualdade social. Canclini (2004), elucida a necessidade e a importância de uma interculturalidade que inclua a continuidade dos pertencimentos étnicos, grupais e nacionais, ao lado do conjunto transnacional, enfatizando que esse conhecimento significa se socializar na aprendizagem das diferenças e na possibilidade de levar à prática os direitos humanos, sobretudo, interculturais.

Bee (2003) pontua que investigou como ocorre o desenvolvimento cognitivo nas crianças e como o desenvolvimento proporciona raciocínios diferentes em períodos diferentes da vida, Piaget postula que a criança desenvolve seu conhecimento de mundo, sendo um participante ativo no desenvolvimento do conhecimento, ou seja, construindo o seu entendimento próprio, a criança tenta adaptar-se ao mundo que a cerca de maneira cada vez mais satisfatória (BEE, 2003, p. 193-194), ainda, Segundo Piaget (2007), toda

atividade do sujeito envolve esses dois movimentos: assimilação e acomodação. Logo, Piaget, denominou a assimilação e a acomodação de funções invariantes, pois, são funções que não mudam por causa do desenvolvimento LEFRANÇOIS (2008), dessa forma, Piaget (2011), pontua que todo comportamento procura sustentar um equilíbrio entre os fatores internos e externos, ou seja, assimilação e acomodação. O sujeito, então, no meio em que está inserido organizar-se e adaptar-se às situações e objetos que fazem parte desse ambiente.

Assim, o objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão e elucidar a compreensão da intersecção entre interculturalidade, autismo e cognição, dessa forma, trazendo uma reflexão com a finalidade de desconstruir os estigmas em relação ao autismo advindo de uma falta de conhecimento, bem como a influência de fatores interculturais, como por exemplo, culturas diferentes, raças e etnias.

Entende-se que o racismo é estrutural, como afirma Almeida (2018), elucidando o racismo como uma forma sistemática de discriminação, tendo a raça como o fundamento, dessa forma, se manifestando com práticas conscientes e inconscientes, gerando desvantagens ao grupo racial inerente, e pontua que a discriminação é o tratamento diferenciado em decorrência da raça.

METODOLOGIA

Para a construção desta pesquisa foram utilizados pesquisas e análises bibliográficas, a partir de referenciais teóricos que já foram analisados, por exemplo, livro e artigos científicos Fonseca (2002), bem como abordagem qualitativa, que segundo postula Minayo (1993), essa abordagem responde a questões particulares, trabalhando dessa forma com os significados, os motivos, crenças, atitudes e valores, advindo da realidade social.

A abordagem qualitativa é a relação entre o sujeito e o mundo real Chizzotti (2006), logo, observa-se a importância desta pesquisa. A pesquisa tratou-se de fazer intersecção entre cognição, interculturalidade e autismo, visando compreender como a

intersecção entre esses fatores influenciam nos processos cognitivos, visto que somos indivíduos influenciados internamente e externamente em relação ao ambiente inserido.

REFERENCIAL TEÓRICO

Intersecção entre autismo, cognição e interculturalidade

A intersecção refere-se ao cruzamento de duas linhas ou duas superfícies Ferreira (1999), a interseccionalidade é a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa, ou seja, a interseccionalidade refere-se a teoria que visa apreender a complexidade das identidades, bem como, as desigualdades sociais de uma forma integrada, nesse sentido, enfatiza a hierarquização dos eixos que norteiam a diferenciação social, são elas: sexo, gênero, classe, raça, etnicidade, idade e deficiência (Bilge,2009).

A intersecção desses 3 fatores, nos traz o que a interseccionalidade pontua, quanto a hierarquização dos eixos, por exemplo, entender a relação entre o preconceito racial e a intersecção do autismo, nota-se que para um indivíduo que tem o espectro autista, há duas vertentes, o estigma social quanto ao autismo e o preconceito racial, o que nos mostra dois fatores prejudiciais ao sujeito, da mesma forma, ao fazer a intersecção entre outros eixos que englobam a pessoa com autismo, como por exemplo, uma mulher autista com deficiência física em um ambiente diferente de sua etnicidade, são fatores que engendram em sua saúde mental.

Visto que a interculturalidade está ligado a confrontação e entrelaçamento como pontua canclin (2004), entendemos que tal conceito está em local privilegiado dentro dos estudos, visto que apresenta culturas em conflito e ao mesmo tempo em diálogo, dessa forma, na tentativa de não acabar as diferenças, mas fazer com que elas interajam e se entrelacem.

Visto que o indivíduo é influenciado pelo meio em que está inserido, não é possível analisar o sujeito apenas em um viés, há sempre uma intersecção, Darsie (1999) elucida o que a teoria de Piaget pontua, afirmando que o sujeito constrói o conhecimento

na interação com o meio físico e social, ou seja, a construção dar-se-á a partir das condições do indivíduo em relação as condições do meio em que está inserido, dessa forma, entendemos que os indivíduos recebem influências de maneira direta e indiretamente, através de ações, vivências

Ainda, segundo vygotsky, o homem transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma cultura. Assim, ao analisar quaisquer relações inerente ao indivíduo, há necessidade de fazer a intersecção que os norteiam.

Processos cognitivos no TEA

Wheeler (2005) pontua que a cognição é o processamento de informações que explicam os comportamentos inteligentes, ou seja, que ter um comportamento adequado, por exemplo, adaptativamente, de forma sensível ao contexto em que está inserido, em decorrência disso a alguns estados alvos externos, que devem ser contados como demonstrações de inteligência e, dessa forma, resultado de um processamento cognitivo.

Hollan, Hutchins e Kirsh (2000) estão em acordos quanto ao que concerne ao processo cognitivo, afirmando que um processo cognitivo é delimitado conforme as relações funcionais dos elementos que fazem parte do processo, e não pela localização espacial dos elementos.

Rupert (2004) ratifica a relação cognitiva e o ambiente externo ao corpo, elucidando que os processos cognitivos dependem de maneira muito forte de elementos e instrumentos externos, assim como da estrutura do ambiente em que a cognição acontece.

Um dos marcadores sociais em relação ao autismo é a caracterização por problema de comunicação, bem como de interação social, contudo, observa-se o que a sociedade coloca como taxativo, como os indivíduos autistas sendo, necessariamente, sujeitos não comunicativos e não interativos. Todavia, há estudos científicos que crianças com autismo respondem a interações sociais, assim como comunicam-se. CApps, Mundy, Sigman, (1994), dentre as quais, por exemplo, segundo Mello (2001) a análise do comportamento aplicada (ABA), que consiste em uma ciência em que são ensinadas habilidades relacionadas a cognição, linguagem e habilidades motoras, ainda nessa

perspectiva, conforme pontua Orrú (2016) ressaltando que a aprendizagem desenvolvida para além dos treinos de habilidades funcionais tende a ser permanente.

Frith (1997) e Baron-Cohen (2000) eclodem que os autistas não possuem habilidades de imaginar, bem como não compreendem o estado mental dos outros indivíduos, devido ao mecanismo cognitivo que são inatos estarem prejudicados, dessa forma, tendo o comportamento social afetado.

Conclui-se o que Ramos (2014) pontua, que a inclusão deve acontecer por meio de uma percepção ética de sujeito, logo, entende-se que os indivíduos não devem ser enxergados em uma perspectiva como uma causalidade biológica, porém, ser compreendido em sua integralidade, como postula Vygotsky (18896-1934), pois, para que haja inclusão é necessário elucidar a singularidade dos indivíduos no espaço social escolar, assim como exposto por Vaz (2017), e, ainda expandindo para os lugares em que o individuo convive.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção é demonstrado alguns resultados e discussões, obtidos a partir dos dados coletados, em que fica elucidado que visto que o indivíduo são influenciados pelo meio os estigmas e preconceitos corroboram para a não evolução cognitiva dos indivíduos com autismo, visto que, assim como Vygotsky, segundo Freitas (2000) explicita que o indivíduo que tem mais experiencia, funciona fazendo intervenção, bem como mediando a relação do aluno com o conhecimento, procurando dessa forma criar zonas de desenvolvimento proximal (ZDP's).

Assim como postula Rossinni (2003) o aluno transfere para os conteúdos escolares todos os estímulos, afeto e carinho que recebe do professor, dessa forma, havendo necessidade de que a educação seja significativa, prazerosa e que os conteúdos façam sentido ao aluno, ou seja, que sejam de seu interesse. Logo, conclui-se assim como postula Chalita (2003) que a educação com afeto é a solução, elucidando que não há educação de qualidade, bem como não há uma aprendizagem prazerosa que seja significativa e de forma duradoura.

Logo, quando o indivíduo está inserido em um contexto em que há preconceito, estigma quanto a ser autista, há prejuízo em seus processos cognitivos, pois, criam-se barreiras para seu desenvolvimento, visto que o processo de aprendizagem se dar por meio externo e interno, bem como há necessidade do que chamamos de facilitador de conhecimento como fala Freitas (2000), assim como a influência do ambiente externo, que nesse contexto, podemos incluir pessoas do convívio, dessa forma, tendo influência direta no indivíduo.

Outrossim. É a importância de entender a interculturalidade como precursor para direcionar a importância na quebra do estigma em relação ao autismo, ao entender que os indivíduos são seres interseccionais, em que suas vivências estão pautadas na intersecção de diversos fatores que os norteiam, como esclarece (Bilge,2009), enfatizando hierarquização dos eixos que norteiam a diferenciação social, ao entender esse conceito, a sociedade passa a enxergar o indivíduo em sua particularidade, entendendo que ainda que o mesmo esteja no espectro autista, há uma individualidade marcada pela Interseccionalidade, fazendo assim, a quebra do preconceito e estigma ao indivíduo autista.

Ao entender que os processos cognitivos estão ligados conforme Rupert (2004), ao ambiente externo ao corpo, elucidando que os processos cognitivos dependem de elementos e instrumentos externos em que o indivíduo está inserido, verifica a influência do preconceito, racismo e estigma no que concerne a aprendizagem, ou seja, causando prejuízo aos processos cognitivos.

Destaca-se também a importância de entender que há ciências eficazes quanto ao tratamento de pessoas com autismo, como pontua Mello (2001), ao elucidar a Análise do comportamento aplicada, como ferramenta eficaz aos processos psicológicos que norteiam o espectro autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista o que foi elucidado nesta pesquisa, percebemos a influência da falta de conhecimento em relação ao autismo, bem como o preconceito, entendendo que o

indivíduo como seres sociais, recebendo influência do meio externo, internalizando experiências, as quais quando fazemos a intersecção que os norteiam, observamos os prejuízos a cognição.

Verificamos a importância do conceito de intersecção, bem como de interseccionalidade, pois, dessa forma, entendemos o indivíduo em sua totalidade, avaliando os porquês de determinado comportamento, entendendo como são influenciados seus processos cognitivos, dessa forma, podendo fazer desde um ensino adequado à um tratamento, pois, ao retirar os estigmas que norteiam o indivíduo com autismo, conseguimos avaliar como um ser individual, valorizando sua subjetividade e, ampliando sua forma de aquisição da aprendizagem.

Quando entendemos o que de fato é o autismo, e, para além, quando aprendemos que o autismo é um espectro, que dessa forma, não podemos categorizar os indivíduos com autismo, começamos o processo de humanização, pois, o estigma é quebrado, bem como a partir desse contexto, possibilitamos que tais indivíduos possam ter acesso a um ensino qualificado, um tratamento eficaz e uma vida funcional.

Outrossim, é o papel da afetividade no contexto da aprendizagem, todavia, é importante ressaltar que para que a afetividade aconteça, é necessário que o preconceito não aconteça, o que correlaciona com as intersecções que norteiam os indivíduos, como por exemplo, entendendo que o racismo é estrutural, e que nesse sentido há ações inconscientes, como por exemplo, a falta de afeto com crianças negras, e, nesse contexto, fazendo a intersecção da raça e o autismo, há dois fatos que podem prejudicar a aquisição da aprendizagem, o estigma quanto ao autismo e o preconceito, em decorrência da raça.

É indispensável, verificar a interseccionalidade que norteia cada indivíduo com autismo, para que haja um tratamento adequado a cada indivíduo, pois, cada eixo em relação ao sujeito, influenciam de maneira particular para cada pessoa, ou seja, não há um olhar apenas para o indivíduo com o autismo, há olhares, como podendo elucidar uma criança que esteja dentro do espectro autista, contudo, também possua uma síndrome, ou, um indivíduo com autismo que seja negro, todos esses fatores, agem de forma particulares a cada um, dessa forma, fica elucidado que quando se trata de aquisição do conhecimento e os processos cognitivos, não se pode entender o indivíduo a partir apenas

do espectro, mas sim, todos os eixos da interseccionalidade que norteiam o indivíduo com autismo.

Por fim, entendemos através desta pesquisa, que os indivíduos com autismo são dotados de subjetividade, sendo cada indivíduo único, e que a falta de conhecimento, gera incapacitismo, tornando-os vulneráveis, suscintos a serem prejudicados cognitivamente, dessa forma, tendo prejuízos para toda vida, sendo importante analisar de forma particular cada indivíduo e sua subjetividade, pois, dessa forma, conseguimos diminuir as consequências subjacentes ao estigmas que desde a primeira infância os cercam.

Ressaltamos também a importância da escola como papel fundamental na vida e na construção do sujeito, pois, a escola esboça o espaço social e afetivo da criança, sendo necessário um ensino em que priorize e entenda a subjetividade de cada um, dessa forma, entendendo que como a criança também aprende a partir das influências do meio em que está inserida, recebendo influência externa, dessa forma, internalizando tais experiências, entendemos que esse processo é apenas feito de forma eficaz, quando entendemos as intersecções, entendendo quais influências individuais estão atuando nos processos cognitivos, e na aquisição do aprendizado, ou seja, o indivíduo recebe influência desde o nascimento até a vida adulta, e seu processo de aprendizado está inteiramente ligado ao ambiente em que está inserido.

Por conseguinte, com a finalidade de elucidar as considerações finais deste trabalho, resgatou-se o problema de pesquisa em que consiste em entender de qual forma o estigma em relação ao autismo, diversidade cultural influência nos processos cognitivos, e chegamos à conclusão que há um processo de interseccionalidade dos eixos que norteiam o indivíduo, dessa forma, agindo particularmente na totalidade de cada um, gerando prejuízos aos processos cognitivos, dessa forma, se entende, que há necessidade de mais estudos nesse seguimento, bem como ampliar o entendimento nos ambientes que cada indivíduo frequenta, como por exemplo :escola, terapia, família.

A produção do conhecimento nos possibilita quebrar o preconceito e promover o bem-estar dos indivíduos, pois, ao entendermos como se dá o funcionamento e como cada um adquire o conhecimento, estamos de fato, humanizando cada um, pois, entender a subjetividade de cada, é enxergar de fato como cada um é, assim como a própria palavra nos traz, o sentido de que a subjetividade é aquilo que se relaciona unicamente a um

indivíduo, sendo inacessível a outrem, ou seja, de maneira única, partícula sendo inerente a cada um, logo, ainda que o indivíduo esteja dentro do espectro autista, há sua subjetividade que perpassa o espectro, sendo cada pessoa única.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pacientes autistas que foram fundamentais para meu crescimento, com vocês aprendi de fato a importância do afeto, do amor e do conhecimento, com vocês aprendi que a falta de conhecimento é uma barreira para o desenvolvimento e que ao superar tais barreiras, o progresso, a evolução podem ser alcançados. Também agradeço aos pais dos meus pacientes, pois, vocês são a base para evolução, agradeço a cada mãos dadas, ainda que seja de forma simbólica, acreditem, vocês são fundamentais no processo.

Ainda, não poderia deixar de agradecer a todos os profissionais com que tive a oportunidade de crescer, evoluir e aprender, sobretudo, aprender que a quebra do preconceito e a construção do conhecimento é fundamental para evolução, seja de um aluno, ou seja de um paciente, por fim, agradeço a minha família por sempre me apoiar, mesmo que de maneira indireta, o amor ultrapassa quaisquer barreiras.

REFERÊNCIAS

_____. Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. O nascimento da inteligência da criança. Editora Crítica: São Paulo, 1986.

_____. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

Baron-Cohen S., Ring H. A., Bullmore E. T., Wheelwright S., Ashwin C. & Williams S. C. R. (2000). The amygdala theory of autism. *Neurosciences and Biobehavioral Review*, 24, 355-364.

BECKER, F. 2003. Vygotsky versus Piaget - ou sociointeracionismo e educação. In: R. L. L. BARBOSA (org.), *Formação de Educadores. Desafios e Perspectivas*. São Paulo, Editora UNESP, n.7:69-81.

BECKER, Fernando. O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: Da ação à operação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Capps, L., Sigman, M. & Mundy, P. (1994). Attachment security in children with autism. *Development and Psychopathology*, 6, 249-261.

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. *Educação: A solução está no afeto*. 7. ed. São Paulo: Gente, 2003.

Canclini, N. G. (2012). *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

COLL, César. (et. al). *O construtivismo na sala de aula*. Tradução: Cláudia Schilling. São Paulo: Ática, 2009.

- D. 2004. “Challenges to the Hypothesis of Extended Cognition”. *Journal of Philosophy, Inc.*, v. 101, n. 8, p. 389 – 428.
- DARSIE, M. M. P. 1999. *Perspectivas Epistemológicas e suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem*. Cuiabá, Uniciências, v3: 9-21.
- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (**DSM-V**). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- Frith, U. (1997). Autism. *Scientific American Mysteries of the Mind, Special Issue*, 7(1), 92-98.
- Hollan, J.; Hutchins, E.; Kirsh, D. 2000. “Distributed cognition: Toward a new foundation for human-computer interaction research”. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction, Association for Computing Machinery*, v. 7, n. 2, p. 174 – 196
- Kirsh, D.; Maglio, P. 1994. “On Distinguishing Epistemic from Pragmatic Action”. *Cognitive Science, Blackwell Publishing*, v. 18, n. 4, p. 513 – 549
- LEFRANÇOIS, Guy R. *Teorias da Aprendizagem*. Tradução: Vera Magyar. 5ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2008
- MELLO, Ana Maria S. Ros. *Autismo: guia prático*. 2ª ed. São Paulo, Corde, 2001.
- Piaget, J. 1952. *The origins of intelligence in children*. New York: International Universities Press
- PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- RAMOS, Fabiane dos Santos. *A Inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista em municípios da 4ª colônia de imigração italiana, RS: um olhar sobre as práticas pedagógicas*. 2014. 127 p.
- ROSSINI, Maria Augusta . *Aprender tem que ser gostoso*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003
- SILVA, Karla Fernanda Wunder. *Tramas de um nome – Transtorno do Espectro Autista – desvelando aspectos sobre o sujeito e suas características*. IN: BINS, Katuscha Lara Genro; SILVA, Karla Fernanda Wunder da. (Orgs.). *Tessituras do fazer pedagógico junto a alunos com transtorno do espectro autista: o cotidiano numa escola especial da Prefeitura de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2016.

SILVA, Virgínia. A medicalização social e o estudante com autismo na escola.
GOULART, Daniel Magalhães; ALCÂNTARA, Raquel de. Educação escolar e
subjetividade: Desafios contemporâneos. Rockville, Global South Press, 2016b. P. 95 –
122.

VAZ, Luana. A sala de aula como espaço relacional: o olhar do professor para as
singularidades dos alunos. 2017. 162 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—
Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/24233>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. 1984. A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes,
132 .

Wheeler, M. 2005. Reconstructing the Cognitive World. Cambridge: MIT Press.